

O CORPO E O PARADOXO ATUAL DO CUIDADO DE SI NA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA

BETANIA VICENSI BOLSONI

Universidade de Passo Fundo-UPF Passo Fundo-RS Brasil

betaniavicensi@bol.com.br

Há a necessidade de tratar sobre o cuidado de si na estética da existência atual, em vista de que existe um complexo paradoxo imbricado nesse tema, pois esse cuidado, representado por Foucault como um cuidado consigo em um sentido singular de ser próprio, está ganhando cada vez mais um sentido egoísta de cuidar de si. Diferentemente do conceito *foucaultiano* de estética como cuidado de si com todo o ser, “hoje o conceito de estética está muito empobrecido e reduzido às formas exteriores de um corpo” (SANTIN, 1993, p. 60).

Santin (1993), ao citar Schiller, menciona que este autor conceitua estética em quatro sentidos, referindo-se: ao estado sensível (nossa existência e bem estar) de índole física; ao entendimento que possibilita o conhecimento, de índole lógica; à vontade, que para ser racional tem de possuir índole moral; finalmente, ao todo de nossas diversas faculdades, a índole estética, em seu sentido mais completo. Foucault também utiliza o conceito de estética, e, especificamente, o de estética da existência referindo-se ao conceito que envolve o todo de nossas faculdades. Mas, observa-se que o sentido estético veiculado na atualidade recai sobre o sentido de índole física, e o cuidado consigo remete apenas a essa dimensão. Sendo assim, em nível prioritariamente físico o cuidado de si se estabelece no sentido corpo-ter e passa a ser mecanizado. Isso aparece em diversos espaços, principalmente naqueles utilizados pela mídia. O corpo está exposto à mercantilização e vinculado a um *status* social. Como ressalta Bracht, o corpo está muito atrelado ainda ao “corpo-máquina e ao corpo-ter” (1999, p. 84).

Neste sentido, Bracht afirma, parafraseando Le Breton, que na atualidade não se configura mais um dualismo corpo-mente, mas um dualismo corpo-homem. Nesta forma de dualismo corpo-homem, o corpo aparece como mercadoria e a ele está ligado todo o tipo de produtos e técnicas corporais que o mecanizam. Este tipo de mecanização do corpo, em que prevalece o cuidado exagerado, pode ser chamado de corpolatria, caracterizada por Codo e Senne como “um processo de alienação típico da sociedade capitalista, [...], o culto ao corpo, que ocupa muito da atenção da classe média contemporânea” (2005, p. 101). Os autores afirmam que essa corpolatria pode ser comparada a uma religião, que pode fazer milagres. E, além disso, como na religião para alcançar uma graça é preciso sacrifício, nesta forma de culto ao corpo não é diferente. Ela atinge a esfera do consumo e, assim, “o corpo do consumidor se transforma também em um objeto de venda e compra, de mercadoria, de alienação” (CODO; SENNE, 2005, p. 101).

Santin ressalta que “instalou-se, nestes últimos anos, um certo culto do corpo, aparentemente apresentado como um gesto de exaltação que teria como objetivo primeiro desencadear um processo de libertação” (1999, p. 34). Nessa perspectiva do cuidado com o “corpo-ter”, o ser humano somente encontra liberdade exercendo poder sobre seu próprio corpo, apostando tudo nele. Desta forma, acaba por isolar-se do mundo e não consegue enxergar nada além de si, caindo em uma extrema solidão e alienação, constituindo-se em alvo

certo para o consumismo; assim, seu corpo passa a se tornar cada vez mais um mecanismo manipulável do consumismo. Goldenberg, por sua vez, afirma que esta forma de culto ao corpo tornou-se uma verdadeira obsessão na sociedade de consumo e o lema dita que somente as silhuetas delgadas são felizes, atraem bons empregos, bons relacionamentos e melhor posição social. Para tanto, a mídia exerce papel fundamental ao representar os bem-sucedidos, aqueles que cultivam estereótipos exíguos, referendando uma imagem corporal ideal. Por isso, o corpo ocupa um espaço de complexidade, e muitos acreditam que somente fazendo parte deste culto corporal farão parte da sociedade. No entendimento da autora,

é possível afirmar que o culto ao corpo, com todos os rituais de embelezamento, rejuvenescimento e modelagem das formas a ele associados, deve grande parte de sua propagação a uma imitação, baseada no prestígio conferido àquelas (e àqueles) que ostentam um físico dentro de determinado padrão estético (2005, p. 36).

Para Santin há uma redescrição corporal que marca nosso tempo, em que “a silhueta corporal transformou-se, metaforicamente, no último modelo a ser vestido” (1999, p. 36). Se antes o corpo era anulado diante da perfeição da alma, da disciplina, transformado em peça para a produção, parece haver agora mais uma ilusão, em que só é possível expor o corpo nu quando estiver bronzeado, dentro de certos padrões de beleza, de medidas de peso e altura, ou seja, mais uma vez o corpo passa a ser mecanizado. Além do mais, Santin (1999) afirma que a moderna tecnologia aposta na homogeneização de gostos e hábitos, condicionando a todos em um mesmo padrão para facilitar os mecanismos para o consumo. Observa-se não só a mecanização propriamente do corpo, mas também, a cada dia e com mais nitidez e sofisticação, o surgimento de meios de manipulação das formas de pensamento. Em vista disso, os sujeitos estão sob influência direta do consumismo e estimulados constantemente a estarem inseridos em um padrão estabelecido como único e correto. Em consequência dessas premissas são construídos objetivos para a mecanização do corpo, a qual é interiorizada pelos sujeitos e transforma-se em uma automecanização.

Neste sentido, Brito afirma que “o corpo concebido através da construção do ‘corpo ideal’, manipulável, sem vontade própria, cumprindo tarefas de forma rija, torna-se ingênuo e prisioneiro de ideologias opressoras” (1996, p. 237). Em consequência disso, o pensamento torna-se abstrato e reflete sobre os sentimentos, sobre os movimentos corporais e muito agressivamente sobre a própria forma de pensar. As formas impostas e estabelecidas em volta de um “padrão corporal” passam a ser colocadas em ação pelo sujeito, e despersonalizam o ser humano, pois nesse caso ele tende a deixar de ser singular para tentar a qualquer custo encaixar-se ao padrão corporal vinculado na sociedade.

Contudo, inserido no processo de mecanização do corpo, além de todas as formas de culto ao corpo e do incentivo ao consumo, entram as dietas, os exercícios extenuantes e a

superação de limites muitas vezes quase impossível para um corpo humano. Além disso, o corpo é tratado como uma moeda de troca, um capital, em que “a constituição de corpos está diretamente ligada a interesses capitalistas para melhor gestão e eficiência de indivíduos” (MENDES, 2006, p. 173). Neste sentido, o problema da mecanização do corpo na sociedade brasileira, é resultado, em grande parte, de um processo progressivo da valorização do corpo como um capital. Isto não acontece por acaso, mas acompanha o processo histórico da sociedade contemporânea, e principalmente brasileira, por agregar ao corpo valor capital:

[...] assim, há uma construção cultural do corpo, com uma valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento a outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade. Esse corpo, que pode variar de acordo com o contexto histórico e cultural, é adquirido pelos membros da sociedade por meio da imitação prestigiosa. Os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que têm prestígio em sua cultura. No caso brasileiro, as mulheres imitáveis, as mulheres de prestígio, são, atualmente, as modelos, atrizes, cantoras e apresentadoras de televisão, todas elas tendo o corpo como o seu principal capital, ou como uma de suas mais importantes riquezas (GOLDENBERG, 2010, p. 45).

O cuidado de si sob a percepção do “corpo-ter” concebe o corpo mecanicamente na sociedade atual e a imitação prestigiosa pode ser considerada uma das mais potentes formas de mecanizá-lo. Isso porque o mais importante nesta linha de pensamento e concepção de corpo é ganhar prestígio por ter características próximas da pessoa imitada; portanto, a essência de quem imita tem pouco valor, pois o fato de parecer tal pessoa já é suficiente para se sentir importante. Nesta linha de pensamento o corpo é concebido e tratado como máquina, como um carro de corrida e não como uma pessoa que necessita de limites éticos e razoáveis para ter uma vida agradável em sua existência (POWERS; HOWLEEEY, 2000). Nesta visão do corpo tomado mecanicamente na atualidade, a consciência corporal pode contribuir para superá-lo. Melo defende que

uma verdadeira consciência corporal deve refletir, em primeira instância, a aceitação e consolidação do corpo que somos. Isso as aulas de Educação física nas escolas poderiam instigar, construindo uma consciência corporal calcada, também na reflexão crítica das imagens que a sociedade tatua no nosso corpo. Essa é uma tentativa para que os sujeitos passem a analisar de forma crítica as consequências do poder que se exerce sobre seu corpo (2005, p. 176).

Na concepção de Foucault cada sujeito precisa constituir a si mesmo através da arte de viver na estética da existência de forma ética e prazerosa, de modo a ser possível a elaboração e transformação de si mesmo para alcançar um modo de ser e de agir no mundo. Mas, diante da imensa banalização em torno do corpo e de todos os meios que o mecaniza, isso se torna um pouco difícil, seja do corpo em si ou de todas as formas de mecanizá-lo, desde a veiculação do corpo padrão, aos alimentos, produtos de beleza, enfim pela grande variedade de formas que levam os sujeitos saírem deles próprios, saindo da estética de sua existência, para irem em busca de um determinado padrão veiculado na sociedade. Quais são as possibilidades que os sujeitos têm de olharem para outros ângulos diante desta forma de expressão e valorização do corpo?

Na perspectiva de Melo (2005), na estética da existência atual, a escola e, principalmente, a educação física, pode possibilitar ao sujeito direcionar seu olhar para dentro de si e sobre suas próprias virtudes. Para isso, a educação física precisa empenhar-se para conseguir passar a mensagem de aceitação do corpo que somos e da compreensão sobre a forma crítica e reflexiva que cada um precisa desenvolver com seu corpo. Alcançado isso, que não é tarefa fácil, por existir demasiado culto a um “padrão corporal”, acertadamente muitas pessoas que sofrem por não estarem dentro deste “padrão corporal” estabelecido na sociedade poderão vivenciar com intensidade suas experiências na estética de sua própria existência.

Foucault, ao referir-se ao cuidado de si na estética da existência pelo viés da erótica, que engloba os cuidados apenas com a beleza do corpo físico, mostra-se contrário àqueles cuidados dispensados ao corpo em nível somente exterior, defende o cuidado de si de forma global em todos os aspectos do sujeito, pois somente assim pode revelar-se como um verdadeiro cuidado de si. O cuidado a nível corporal, físico somente, na concepção do filósofo, mostra que quando o sujeito envelhecer e a beleza não for a mesma, o cuidado com o outro desaparece, revelando-se em um não cuidado, pois quando o cuidado é verdadeiro envolve o ser sujeito, sujeitos de ação. Nos textos de Foucault a estética da existência está fortemente ligada à ética e esta é a condição para a estética. Nesta relação aparece o belo conquistado pela busca do bem.

Candiotto destaca que na atualidade, “no imaginário individual e coletivo dos modernos inexistente a dependência entre ética e estética. Esta última é pensada como realidade autônoma, descomprometida entre o bem e o mal” (2008, p. 88). Por isso, este autor alerta para a dificuldade de pensar a constituição do sujeito ético pela estética da existência, justamente por não existir um comprometimento dos sujeitos pela constituição em definir e perseguir o que é bom, o que realmente pode trazer benefícios para sua própria constituição. Ao invés disso, fica mais fácil ir pelo caminho percorrido pela maioria do que traçar seu próprio trajeto.

Olivier (1995) destaca que na medida em que os sujeitos procuram atender a um determinado padrão estético, esquecem de cuidar de si mesmos no verdadeiro sentido do termo. Ao preocuparem-se com a “perda de barriga”, a “diminuição do nariz” ou com o aumento de músculos corporais, entre outros, os sujeitos se distanciam de suas vivências concretas e tratam a si mesmos como partes que estão fora de si. Sob esta visão de si próprio, a percepção do ser humano em um todo praticamente tende a não existir, ou seja, o que parece ser lisonjeado são partes do corpo. Como exemplo, podemos citar o nariz, pois com ele

diminuído já é suficiente para o sujeito se sentir parte desse modelo de sociedade, muito ligada à padronização corporal.

Santin (1993) contribui para pensar esta problemática ao inferir que a experiência corporal acontece de maneira espontânea, pois não lhe é dado significado, a não ser no momento em que aparecerem problemas ou disfunções no corpo do sujeito. Quando se começa a olhar sobre o próprio corpo, isso acontece sob ótica de imagens corporais dentro da ordem social. Assim, “a imagem de corpo não surge das experiências existenciais da vida pessoal, ao contrário, a primeira imagem consciente do corpo que cada um constrói obedece aos modelos impostos pelos valores culturais vigentes” (1993, p. 53). E acrescenta ser o corpo tratado como “um objeto de uso, um utensílio, uma ferramenta a ser usada segundo a vontade de cada um ou, o que é pior, conforme os interesses econômicos, políticos e ideológicos de outros grupos” (1993, p. 55). Neste âmbito o sujeito vive seu corpo distraidamente e considera que não existe uma preocupação com seu ser em si, inquietação com o que lhe é necessário, na busca do ser humano em uma totalidade. Contrariamente, em geral, é seguida uma orientação posta pelos meios incentivadores ao consumismo, em que todos devem estar inseridos em tal padrão para facilitar o consumo. Nasce aqui a importância da educação física escolar em possibilitar a consciência corporal através do conhecimento de si e práticas de si, em experiências próprias para incidir no cuidado de si no sentido ser-sujeito e ir além da mecanização corporal, também muito presente na educação física escolar.

Foucault refere-se a ética e a estética da existência como uma possibilidade de seu alcance para o cuidado de si de forma integral, do corpo e mente. O cuidado de si pode ser caracterizado como a busca da autonomia sobre si mesmo, cujo alcance somente será possível pela prática de liberdade através da estética da existência. Para tornar mais claro, questionamos: Qual a relação do corpo com a ética e estética da existência para o filósofo? Em que sentido o cuidado de si pode ser compreendido na estética da existência?

Foucault afirma que a ética é uma prática refletida de liberdade e ela encontra suas raízes somente na condição de liberdade. Por conseguinte o cuidado de si constitui-se na prática de liberdade, condição dada pela ética. Neste sentido, ele enfatiza que o imperativo socrático “ocupa-te de ti mesmo” pode ser traduzido em nosso tempo como “constitua-te livremente, pelo domínio de ti mesmo (2006, p. 287). A partir do exposto, podem aproximar-se as relações existentes do contexto do ocupar-se consigo mesmo com o domínio de si mesmo e, em consequência desse domínio, aparece a constituição do sujeito e a forma com que cada um pode se constituir na estética da existência.

A estética da existência, entretanto, pode ser alcançada pela liberdade que o sujeito adquire em constituir a si mesmo, como um sujeito de ação que tenta construir-se pela própria prática da existência em um sujeito de caráter e de boas atitudes. A constituição de um sujeito de caráter exemplar passa pela relação com o corpo, pois ele é a marca do que é levado adiante, ou seja, é através do corpo, em sentido integral, que todas as virtudes do sujeito são passadas para os demais, nas relações existentes entre os sujeitos e de tudo o que os rodeia.

Desse modo, o corpo envolve as relações com o mundo que o cerca, sejam corpos orgânicos ou inorgânicos, o que está em seu campo de visão ou em seu pensamento; por isso, a estética da existência do sujeito é constituída por todas as vivências e por todas as relações experienciadas durante o tempo de sua existência. Nesta linha de pensamento, Foucault

acentua que a subjetividade do ser humano tem fortes relações com o tempo e com seu corpo, pelo fato do corpo submeter-se à experiência que determinará a subjetividade intrínseca no próprio sujeito. Danner (2008) ressalta que este sujeito não pode ser encontrado em qualquer lugar, mas nasce da constituição do sujeito moral nas relações estabelecidas consigo mesmo, com o outro e com o mundo a sua volta, chamadas por Foucault de práticas de sujeição e de liberdade. Foucault utiliza-se da metáfora do rio e a relaciona com o corpo: o rio é sempre o mesmo, mas como o que passa pelo rio é algo sempre novo, o rio nunca é o mesmo. Neste sentido, também o corpo sempre é o mesmo, mas como tudo o que se passa com cada sujeito configura-se de forma nova a cada instante, o corpo humano, o ser sujeito, está sempre se renovando, constituindo a si próprio a cada momento de forma nova, o que pode ser denominado de estética da existência.

A constituição do si, no entanto, envolve a ética de si, que não é egoísta, mas parte do princípio do exercício de si mesmo, do cuidado de si. Este exercício de si precisa da verdade para realizar-se, sendo fundamental um novo modo de estruturação da verdade consigo. Afinal, o exercício de si permite ao ser humano efetuar operações sobre si mesmo, e, portanto, envolve os pensamentos e a conduta que se refletem na forma de ser e agir que cada sujeito alcança em sua existência. Consequentemente, passando pelo crivo da ética e, posteriormente, da conduta moral, o sujeito alcança a transformação de si mesmo, que tem por objetivo alcançar a plena realização do seu ser no mundo. Conforme alerta Foucault, a transformação de si pode ser efetuada pelo próprio sujeito ou com a ajuda do outro, o que consiste em submeter-se a certo número de operações sobre todo seu ser, corpo, pensamentos e conduta, com o fim de alcançar um estado de felicidade, pureza e sabedoria, chamada de estética da existência.

Palavras chave: Corpo. Cuidado de si. Mecanização corporal.

Referências:

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 48, p. 69-88, Agosto/1999.

BRITO, C. L. C. de. *Consciência corporal: repensando a Educação física*. Sprint: Rio de Janeiro, 1996.

CANDIOTTO, C. Subjetividade e verdade no último Foucault. *Transformação*. São Paulo, v. 31(1), 2008, p.87-103.

CODO, W.; SENNE, W. A. Corpolatria. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. *Dicionário crítico de Educação física*. Ijuí: Unijuí, 2005.

DANNER, F. Cuidado de si e estética da existência em Michel Foucault. *Filosofazer*. Passo Fundo, n. 32, jan./jun. 2008, p. 73-94.

GOLDENBERG, M. *De Perto Ninguém é Normal* – estudos sobre o corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *O Corpo como Capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o cuidado de si*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. A Ética do Cuidado de Si Como Prática da Liberdade. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Col. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- _____. *Ética, sexualidade, política*. Col. Ditos e Escritos (v.V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- _____. *Hermenêutica do sujeito*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MELO, J. P. de. Esquema corporal. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. *Dicionário crítico de Educação física*. Ijuí: Unijuí, 2005.
- MENDES, C. L. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis EDFSC, n. 39, p. 167-181, abr 2006.
- OLIVIER, G. G. F. Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade. *Dissertação de Mestrado*. UNICAMP, 1995.
- POWERS, S, K; HOWLEY, E. T. *Fisiologia do Exercício: teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho*. 3 ed. São Paulo: Manole, 2000.
- SANTIN, S. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Educação física e esportes*. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- _____. *Educação física: educar e profissionalizar*. Porto Alegre: Edições EST, 1999.

Rua Padres Capuchinhos, nº. 1418, Ap.: 108, Centro

Marau-RS CEP: 99150-000

Telefone: (54) 91449689

betaniavicensi@bol.com.br